

## JORNALISMO CULTURAL: EDITORIAS FEMININAS

*Selma Suely Teixeira*<sup>1</sup>

**Resumo:** Os jornais Pólo Cultural; Anexo, encartado no Diário do Paraná; Almanaque, encartado em O Estado do Paraná; Programe-se e Bomdomingo, encartado no Correio de Notícias; Jornal Mural, publicado pela Fundação Cultural de Curitiba e a revista Quem podem ser vistos como marcos do jornalismo cultural paranaense pelo arrojo de suas produções tanto no que diz respeito ao projeto gráfico, quanto na editoria de seus textos. Tendo à frente as jornalistas Marilú Silveira, Adélia Maria Lopes, Dinah Ribas Pinheiro e Rosirene Gemael, esses periódicos inovaram o jornalismo cultural produzido até aquele momento e serviram de inspiração para jornais aqui produzidos que acabaram se firmando no cenário nacional. A abordagem de alguns dos aspectos mais relevantes do trabalho desenvolvido nos periódicos citados por essas jornalistas é a proposta do presente artigo.

**Palavras-chave:** Jornalismo; cultura; jornalismo cultural; Paraná; mulheres jornalistas; editorias femininas.

**Abstract:** The present paper has the purpose of talking about some aspects involved in the work of some female journalists writing for the journals Pólo Cultural; Anexo, in Diário do Paraná; Almanaque, in O Estado do Paraná; Programe-se and Bomdomingo, in Correio de Notícias; Jornal Mural, published by Fundação Cultural de Curitiba, and the magazine Quem. These periodicals may be seen as marks of the cultural journalism from Paraná for their graphic project (design) as for the texts they show. Marilú Silveira, Adélia Maria Lopes, Dinah Ribas Pinheiro and Rosirene Gemael made many evolutions concerning the kind of cultural journalism performed so far and have inspired other local periodicals which may spread over the nation as other women to cultivate their heritage.

**Keywords:** Journalism; Culture; Cultural Journalism; Paraná; Women journalists; Feminine editorials.

A história do jornalismo cultural paranaense tem suas raízes no século XIX quando surge, em 1854, o primeiro jornal publicado em Curitiba, o Dezenove de Dezembro que, periodicamente, publicava capítulos de folhetim, poemas, anôn-

---

<sup>1</sup> Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Paraná. Professora do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão do UTFPR. E-mail: sst@uol.com.br

cios de Sociedades Culturais e de professores de música e de artes em geral que aqui chegavam para ensinar seus conhecimentos a qualquer pessoa que “quisesse se utilizar de seus préstimos”.<sup>2</sup>

Três anos depois surge a publicação *O Jasmim*, periódico literário e recreativo lançado no dia 20 de setembro de 1857 e registrado como o segundo jornal paranaense. Nesse veículo estão publicados poemas, artigos diversos sobre moral e bons costumes, charadas, enigmas, anagramas e notícias sobre bailes da Sociedade Juvenil.

A partir de 1880 Curitiba viveu um grande surto editorial e literário. Em 1887 passa a ser editada a *Revista do Paraná* e, nos anos seguintes, surgem as revistas humorísticas que registram um grande momento da caricatura paranaense.

Em 1884, é publicado no jornal *Echo dos Campos*, de Castro, o folheto *Aricó e Caocoché*, de autoria de John Henrique Ellioth, o “primeiro trabalho da escola indianista escrito no Paraná sobre assunto paranaense.”<sup>3</sup>, nas palavras de Ermelino de Leão.

Ainda no final do século foram editadas a *Revista do Paraná* (1887), a primeira revista ilustrada por processo litográfico; *A Galeria Ilustrada* (1888), de grande importância gráfica, literária e documental e *Pallium* (1898), que apresenta um refinado trabalho gráfico e é considerada um marco do movimento simbolista no Paraná.

No início do século XX são editados o livro *Troças e Traços* (1909), que registra de forma satírica ângulos típicos da vida curitibana; as revistas *Paraná Moderno* (1910), *O Miko* (1914), a *Revista do Povo* e *O Garoto* (1916), o *Anzol* (1921), que revela o talento de Alceu Chichorro, *Ilustração Paranaense* (1927-1933), “mensário paranista de arte e actualidades”<sup>4</sup> e *A Rua* (1931).

1940 vê surgir o talento de Dalton Trevisan primeiramente registrado no jornal de ginásios *Tingüi* e, em abril de 1946, na publicação *Joaquim* que, em seus 21 números reuniu a produção de intelectuais representativos de todo o país, incluindo ilustrações de artistas plásticas como Violeta Franco e Renina Katz.

Em fevereiro de 1949 surge a *Revista da Guaíra* reconhecida por publicar artigos de grande consistência teórica. Em seu quadro de redatores encontra-se o nome de Juril de Plácido e Silva Carnasciali, responsável pela página de notas sociais.

No início da década de 50 surge *Panorama*, “revista cultural noticiosa mensal”<sup>5</sup> publicada, inicialmente, em Londrina, sob direção de Adolfo Soethe.

---

<sup>2</sup> Dezenove de Dezembro, ano I - nº I . Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1980. ed. fac-similar

<sup>3</sup> ELLIOTH, João Henrique. *Aricó e Caocoché*. In: *O Jasmim*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1981. ed. fac-similar

<sup>4</sup> *Ilustração Paranaense - 1927*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1980. ed. fac-similar

<sup>5</sup> *Panorama*. Londrina, 1950. nº 1

Em 1954 a revista foi adquirida pela Imprensa Paranaense passando a ser editada em Curitiba.

Nos anos 60, a chegada da televisão ao Paraná motiva o surgimento da revista TV Programas, dirigida por Luís Renato Ribas, que divulgou, exclusivamente, notícias sobre o cast televisivo e a programação veiculada pelos dois canais de televisão existentes em Curitiba na época: a TV Paranaense, canal 12, dirigida por Nagibe Chede, e a TV Paraná, canal 6, pertencente à rede dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand.

Reunindo um rico acervo de informações sobre a cultura local e nacional, todas essas publicações tinham seu quadro editorial de articulistas e de ilustradores, formado apenas por homens, sendo raro encontrar registros da produção feminina nesses veículos de comunicação.

Na década de 70, mais precisamente em 1972, com a formatura de uma das mais brilhantes turmas de jornalismo da UFPR, esse quadro começa a ser revertido. Dentre outros nomes compuseram a turma as jornalistas Adélia Maria Lopes, Dinah Ribas Pinheiro, Marilú Silveira e Rosirene Gemael que editaram cadernos, revistas e jornais culturais inovadores em seus aspectos textuais e gráficos e que acabaram tornando-se pontos de referência para as gerações seguintes.

Como exemplo podemos citar os cadernos Anexo, editado por Marilú Silveira para o jornal Diário do Paraná entre 1975 e 1977 e Almanaque (1980-2003), editado por Adélia Maria Lopes para O Estado do Paraná; os jornais Pólo Cultural (1978-1979), editado por Marilú Silveira e Reynaldo Jardim e Jornal Mural, informativo oficial da Fundação Cultural de Curitiba entre 1983 e 1992, editado por Dinah Ribas Pinheiro, a revista Quem e as colunas Programe-se e Bomdomingo publicadas no jornal Correio de Notícias, editadas por Rosirene Gemael, nos períodos 1980-1982 e 1985-1994, respectivamente.

Os dois cadernos culturais editados nas décadas de 70 a 2000 surgiram como uma inovação para o jornalismo local que, até aquele momento, limitava a informação cultural a apenas uma coluna ou, no máximo, uma página inseridas no corpo dos jornais.

Assim foi com o caderno editado pelo Diário do Paraná que tinha, em 1975, a jornalista Marilú Silveira como principal responsável pelas matérias da área cultural. Com a venda do jornal para a família Martínez, em 1976, foram feitas inovações no periódico, inovações essas coordenadas pelo jornalista, radialista, artista gráfico e poeta Reynaldo Jardim, especialmente convidado pelos Martínez para reformular o jornal. Responsável pela criação do Caderno B de cultura, do Jornal do Brasil, nos anos 50, Jardim propôs a publicação de um caderno específico para a área cultural dentro do Diário do Paraná e convidou a jornalista Marilú Silveira para assumir a editoria do caderno.

Surge assim o Anexo, definido por Marilú Silveira como “um caderno cultural vibrante, bonito, bem diagramado, de agradável leitura, criativo. Causou

um alvoroço na cidade e todos os artistas queriam ser colaboradores do Anexo.”<sup>6</sup>

No período compreendido entre 23-12-75 e 07-04-77 Marilú Silveira editou, no caderno de cultura do Diário do Paraná, matérias sobre diferentes manifestações artísticas como, por exemplo, música popular, cinema, teatro, artes plásticas, literatura, medicina alternativa, sabedoria popular, filosofia, humor, turismo, quadrinhos, xadrez e super-8.

Quanto ao corpo de colaboradores do Anexo estão ali publicadas matérias assinadas por Paulo Leminski, João Manuel Simões, José Ramos Tinhorão, José Augusto Iwersen, Nelson Luiz Oliveira, Roberto Gomes, Nelson Padrella, Otávio Duarte, Francisco Dely, Oraci Gemba, Reynaldo Jardim, Solda, Miran, Sylvio Back, Álvaro Borges, entre muitos outros.

Paralelamente ao trabalho de editoria de todo o caderno, Marilú assinava, no mesmo jornal, uma coluna própria, a coluna de variedades A, destinada ao registro de notas políticas, culturais e/ ou de interesse cultural, e sobre eventos culturais que iriam acontecer ou estavam acontecendo na cidade. Nessa coluna, por vezes, eram colocadas breves entrevistas concedidas por artistas nacionais que faziam temporada em Curitiba como, por exemplo, a atriz Henriqueta Briebe e os cantores Sílvio Caldas e Maísa.

Na página da Coluna A uma outra coluna, a Inquérito, registrava entrevistas mais detalhadas feitas com personalidades locais, nacionais e internacionais das áreas cultural e de comunicação. Dependendo da importância do depoimento a coluna Inquérito ganhava ilustração encomendada especialmente para o texto e passava a ocupar a página inteira, como foi o caso da entrevista feita com o diplomata e homem de teatro Paschoal Carlos Magno, em 19-10-76.

No dia 04 de fevereiro de 1977, o Anexo passou a anunciar a proposta de transformar Curitiba em um centro nacional de cultura<sup>7</sup>. Assinada por Marilú Silveira e Reynaldo Jardim, essa proposta, acompanhada de uma farta argumentação que comprovava a viabilização da idéia, está registrada nas 32 páginas do número especial do Anexo publicado no dia 06 de fevereiro daquele ano.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Depoimento de Marilú Silveira para o livro *Jornalismo cultural: um resgate*.

<sup>7</sup> “Veja pelo comportamento do carioca como Curitiba tem tudo para ser o Pólo Cultural brasileiro”. Curitiba, Anexo, Diário do Paraná, 04 de fev. de 1977

<sup>8</sup> Anexo - 06/02/77. p.1 – Pólo Cultural

“Não estamos pisando no terreno romântico das utopias. A proposta é fundamentalmente de ordem industrial, e, portanto, econômica .

A criação de matrizes modelares, de modelos próprios, cujo know-how seja nosso; o estabelecimento de múltiplos espaços abertos ao exercício e à expressão de idéias sonoras, plásticas, gráficas, visuais, cênicas, arquitetônicas, isto é, parques editoriais, fonográficos, laboratórios teatrais, praças cobertas, auditórios eletronicamente equipados; a ordenação de uma produtividade capaz de satisfazer não só ao mercado consumidor local, mas quantitativa e qualitativamente exportável; a conquista gradual e efetiva de um público potencialmente interessado (da classe universitária à operária) mas não participante, cuja mobilização está a exigir um trabalho de científica motivação através de eficiente campanha de penetração publicitária; enfim uma quantidade tal de iniciativas, cuja otimização total vai se

No dia 15 de março de 1978 surge o jornal Pólo Cultural, semanário publicado pelo Escritório de Promoção da Cultura Paranaense, de propriedade de Reynaldo Jardim. No editoria do primeiro número pode-se ler a confirmação da idéia exposta anteriormente no Anexo do Diário do Paraná: “ (...) Agora, decorrido mais de um ano, a possibilidade de se lançar um semanário independente dedicado à divulgação de assuntos artísticos, urbanísticos, literários, filosóficos e científicos, é uma clara demonstração de que se tornou viável dinamizar a vida comunitária de maneira a extrapolar nossas fronteiras estatais.”<sup>9</sup>

Sem patrocínio, uma produção “independente” como anunciada no editorial, o jornal durou apenas 34 números. Coerente com a sólida argumentação apresentada no Anexo do dia 06 de fevereiro de 1977, Pólo Cultural priorizou a reprodução de artigos e ilustrações assinadas pela intelectualidade paranaense tendo publicado textos de Paulo Leminski, Roberto Gomes, José Maria Santos, Adalice Araújo, João Manuel Simões, Alice Ruiz e Valêncio Xavier, entre muitos outros. As ilustrações levavam, em sua maioria, a assinatura de Solda e Reynaldo Jardim, sendo também retiradas de diferentes catálogos. Unindo o conteúdo a uma diagramação inovadora, Pólo Cultural, editado por Marilú Silveira e dirigido por Reynaldo Jardim, ocupa lugar de destaque na história da imprensa paranaense.

Além da editoria do caderno Anexo e do jornal Pólo Cultural, Marilú Silveira editou, a partir de 1977, o caderno de cultura Elenco, do jornal Correio de Notícias, de propriedade de Manoel Rosemann. Coordenando uma equipe de oito jornalistas, todas mulheres, Marilú imprimiu agilidade ao caderno, conseguindo cobrir todas as atividades culturais da cidade, diariamente.

Em 1979, quando o jornal, enfrentando problemas de ordem financeira, encerrou sua primeira fase, artistas e intelectuais paranaenses viram chegar ao fim um importante canal de divulgação de suas produções. A partir dessa data os periódicos locais passaram a destinar apenas meias colunas para o registro de tudo o que acontecia na cidade em termos de cultura. É nesse momento que surge

---

tornando exaustiva, precisam ser tomadas, se efetivamente os poderes públicos e os empresários do Paraná estiverem mesmo dispostos a implantar em sua capital o Pólo Cultural brasileiro.

A rentabilidade das indústrias do lazer cultural, além de altamente satisfatória, proporciona o lucro cívico da paz social, da ampliação do mercado de trabalho, do engajamento populacional nos projetos urbanos, da projeção e prestígio estaduais em todo território nacional.

Esta edição especial do Anexo, do Diário do Paraná, apresenta os “subsídios básicos para a elaboração do projeto Pólo Cultural e oferece uma amostragem do que ora se cria em arte nesta cidade. De: Marilú Silveira e Reynaldo Jardim. (...)”

Na segunda página do Anexo os jornalistas Marilú Silveira e Reynaldo Jardim reproduziram a resposta dada a três perguntas por eles formuladas aos “promotores da cultura” da cidade, fossem eles vinculados a instituições públicas ou privadas.

As outras trinta páginas do jornal reproduziram artigos e ilustrações produzidos pelos mais renomados artistas paranaenses comprovando de maneira definitiva os argumentos expostos no editorial desse número especial.

<sup>9</sup> Pólo Cultural - ano 1 - nº 1 - 15 de março de 1978

o caderno Almanaque, editado pela jornalista Adélia Maria Lopes, para o jornal O Estado do Paraná.

Conhecida pela editoria de um pequeno roteiro cultural sobre o que acontecia ou iria acontecer na cidade, publicado no jornal Tribuna do Paraná, Adélia foi convidada para criar uma coluna sobre cultura em O Estado do Paraná, despertando o interesse da intelectualidade curitibana que, ávida de um espaço para divulgar suas realizações, passou a procurá-la na redação. Essa procura levou os dirigentes do jornal a entenderem que era chegado o momento de transformar a coluna em página e, na seqüência, no caderno cultural Almanaque.

Sem equipe de auxiliares, Adélia produzia e editava o caderno sozinha chegando, por vezes, a atender oito pessoas ao mesmo tempo: “(...) uma vez eu fiz fila, sabe? E ia atendendo um senhor que estava lançando um disco e depois o que estava lançando um livro, e assim por diante, e não podia sair de minha mesa porque o telefone também não parava de tocar. (...)”, diz a jornalista em depoimento para o livro *Jornalismo Cultural: um resgate*.

Nos 23 anos em que esteve à frente do Almanaque, Adélia Maria Lopes publicou matérias que iam desde a divulgação de lançamentos de livros, notícias sobre literatura em geral, entrevistas com autores locais e nacionais, matérias sobre artes plásticas, teatro e música, até notícias sobre moda, uma das paixões da jornalista.

O caderno reuniu ainda textos assinados por sua editora sobre nomes representativos da cultura paranaense e brasileira como, por exemplo, Valêncio Xavier, Thiago de Mello, Helena Kolody, Rosy Greca, Cícero Dias, Fernanda Montenegro, Luís Melodia, Ney Matogrosso, Aldir Blanc e Adélia Prado.

Além da editoria do caderno Almanaque, Adélia trabalhou também como repórter nas sucursais paranaenses de O Estado de São Paulo e da revista *Veja*, tendo seu trabalho enaltecido no editorial da revista pelo editor Mino Carta.

Atuou como redatora de política, economia e esportes, tendo sido a segunda mulher jornalista, no Brasil, a desenvolver trabalhos como repórter policial. A primeira foi a jornalista Teresinha Cardoso, de Curitiba.

Pela sua postura ética, Adélia Maria Lopes foi premiada pelo Sindicato dos Jornalistas do Paraná e pela Faculdade de Jornalismo da UniBrasil. Pelo trabalho desenvolvido na revista *Afinal*, de São Paulo, recebeu menção honrosa do Prêmio Wladimir Herzog.

Na área cultural desenvolveu ainda trabalhos em teatro, rádio e televisão, tendo sido, nesse último veículo de comunicação, editora e apresentadora do noticiário de cultura da TV Bandeirantes.

No mesmo período, em outro canal de televisão, a TV Paranaense, canal 12, a jornalista Rosirene Gemael começava a se projetar como editora e redatora do *Jornal Estadual*, segunda edição.

Tendo iniciado sua carreira jornalística, em 1974, como redatora da coluna *Arte & Educação*, do *Jornal da Tarde*, Rosirene desenvolveu trabalhos como

repórter especial, redatora e chefe de reportagem da sucursal de Curitiba do jornal Folha de Londrina e editora dos cadernos de cultura e comportamento do jornal Correio de Notícias, no período compreendido entre os anos 1985 e 1994. Antes disso foi também editora-assistente da revista Quem-Paraná, tendo também feito parte da coordenação editorial da Quem Santa Catarina, Brasília e Porto Alegre.

Para a revista Quem, Rosirene entrevistou políticos como Deny Shwartz, Álvaro Dias, Maurício Schumann, Belmiro Valverde, Maurício Fruet, Alencar Furtado, Paulo Pimentel, Jaime Lerner e Télia Negrão. Do mundo artístico entrevistou poetas como Alice Ruiz, músicos como Arrigo Barnabé, e atores como José Lewgoy e Ítala Nandi. Nessa última, em que a atriz e produtora teatral discutiu sobre a pseudo-anistia, em conjunto com Dinah Ribas Pinheiro e Miriam Karam.

No jornal Correio de Notícias, Rosirene Gemael passou pelas três fases sempre como editora dos cadernos Programe-se e Bomdomingo.

Num primeiro momento, o jornal, reinventado por Reynaldo Jardim, contava com equipes de reportagens e toda a infra-estrutura necessária para seu bom funcionamento. Mas, quando problemas financeiros começaram a surgir, muitos profissionais foram dispensados e a qualidade gráfica e de textos decaiu muito. O jornal passou então, por uma questão de sobrevivência, a ser um mero porta-voz do governo e os cadernos culturais continuaram a existir apenas para “recheiar” o jornal sem nenhuma preocupação, por parte da direção do periódico, de manter a mesma qualidade anterior.

Para conseguir editar os dois cadernos, apesar da crise, Rosirene contou com a colaboração de especialistas renomados que, entendendo o momento de dificuldade pelo qual o jornal e os cadernos passavam, se dispuseram a trabalhar gratuitamente. Para a jornalista, essa atitude supera tudo o que ela possa ter feito no jornalismo cultural, tornando-se o momento mais marcante de toda a sua carreira profissional.

Voltados especificamente para a divulgação de fatos e eventos culturais, Programe-se e Bomdomingo foram editados por Rosirene Gemael durante nove anos.

No primeiro, o título serviu, por vezes, para conclamar o povo a votar no candidato certo: “Programa-se. Leve o Brasil a sério. Vote em Millôr Fernandes para Presidente.”<sup>10</sup>, ou para apoiar intelectuais que sofriam perseguições políticas: “Programe-se. Apoio a Salman Rushdie”<sup>11</sup>.

Em outros momentos, Programe-se ensinava os caminhos para os bons prazeres da vida como “O vinho ‘bão’ do pecado e da sedução. Rosirene entrevista Luiz Groff”<sup>12</sup>, e informava sobre histórias nem tão conhecidas como a do calçado, por exemplo. No caderno também existia um espaço reservado para

---

<sup>10</sup> Programe-se, de 10 de fev. de 1989

<sup>11</sup> Programe-se, de 24 de fevereiro de 1989

<sup>12</sup> Programe-se, de 12 de dez. de 1989

comentar livros que, por vezes, tematizavam aspectos diferenciados da cultura popular, como o escrito por Rose Marie Reis Garcia e Lillian Argentina Marques, *Jogos e passeios infantis*, editado pela Kuarup. Misturando poesia e magia, Rosirene Gemael produziu, para a divulgação do livro, um dos muitos textos criativos que se tornaram marca de seu trabalho.<sup>13</sup> A partir de 1992, Programe-se passou a apresentar a coluna *Direito e Averso*, onde textos comentavam a poesia de Caetano Veloso (“Hoje é dia de caetanear”), ou questões de comportamento (“O adolescente está perdido. E os pais do adolescente também”), ou ainda obras de artistas plásticos (“Uma artista plástica e fluída - Rossana Guimarães”)

Bomdomingo confirma o perfil cultural desenhado em Programe-se. É também um caderno com entrevistas, notas divulgando eventos culturais e informações sobre lançamentos de livros, estréias de espetáculos e aberturas de exposições, entre outros assuntos. Nesse caderno, porém, Rosirene revela com mais precisão seu talento e sua formação erudita que imprimem um diferencial ao seu texto. Como exemplo citamos a nota “Para a praia ou Cooklein”, publicada no dia 15 de janeiro de 1989 onde a jornalista comenta a chuva torrencial que caía no litoral paranaense e apresenta alternativas nada comuns para os veranistas daquele mês de janeiro: “Quem reservou hotel, se desistir por causa do dilúvio perde parte do pagamento antecipado. Se insistir em ir, vai sabendo que vai virar sapo. São as férias bukowskianas que podem ser encontradas em nosso litoral - onde quimoninhos com capuz substituem as bermudas e o romance gráfico *Um contrato com Deus* e outras históricas de cortiço, de Will Eisner é a montanha encantada da temporada.”

---

<sup>13</sup> “Do tempo em que se fazia pirata tapando um olho. Joãozinho é um bom aviador. Quando falta gasolina ele mija no motor... Se não fosse por outra e haveria um monte. Preservação da memória, resgate da cultura popular da infância e até a nostalgia do tempo em que o quintal era o palco da grande mágica. Só pelos brinquedos já seria uma ótima idéia, dar de presente a sua criança o livro “*Jogos e Passeios infantis*”. Por você e por ela.

Por você porque, afinal, comprar brinquedos, hoje é para os adultos, o mesmo desafio que já foi na infância brincar de pirata. Com uma diferença. Naquele tempo - e era bem outro tempo - corsários e não corsários se divertiam bastante e hoje ninguém consegue mais achar nenhuma graça em ser saqueado. Saqueado nos preços e saqueados principalmente nos salários.

Na infância, virava-se pirata apenas tapando um olho com retalho e transformando árvore em mastro. Hoje, para o adulto se defender dos piratas e há deles por todos os lados, nem com palavra mágica que esta, infelizmente, ainda não foi inventada. É que o salário transformou-se em algo intransformável, com inflação bicho papão, é pão-pão-queijo-queijo, sem nenhuma imaginação, além de pouco pão e queijo, apenas no ditado, já que na mesa, o gato comeu. Cadê o gato?

Disputando espaço com os corsários...

Então, se não fosse por outra coisa, e haveria um monte, só pelo preço já seria uma grande idéia dar de presente a tua criança o tal livro, no lugar de algum brinquedo. E não é só pelo preço, não, mas principalmente, pela mágica. O livro de Rose Marie Reis Garcia e Lillian Argentina Marques, editora Kuarup, devolve o encantamento do quintal, da rua do terreno baldio e de velhos piratas feito em casa.” (Programe-se, de 20 de dez. de 1989)



Brincando com as informações, com a segurança de quem tem o domínio do conteúdo e da palavra escrita, Rosirene publicou ainda duas revistas para a Coleção Leite Quente, da Fundação Cultural de Curitiba: Curitiba branca de neve, sobre o dia em que nevou em Curitiba e Memória e Nariz, retratos de um perfil de Curitiba, sobre Poty Lazzaroto. Também para a Fundação Cultural atuou como pesquisadora tendo editado dois números para o jornal Memória de vida: Paulo Leminski e Aramis Millarch, e um volume para a coleção Boletins da Casa Romário Martins: Schroeder e Kirstein - Rótulos e embalagens. Litografia.

Como escritora é autora do livro O menino que não gostava de ouvir histórias, primeiro colocado no Concurso de Literatura Infanto-Juvenil promovido pela Fundação Cultural de Curitiba, em 1984, e que mereceu uma homenagem do poeta Paulo Leminski que dedicou, para Rosirene, o poema Primeira necessidade, onde reconhecia nela uma parceira na necessidade de expressar-se por intermédio da palavra: “Um demônio em mim/ Só fica feliz quando escrevo./ Escrever é preciso. / Preciso dizer tanta coisa.(...)” ( para Rosirene Gemael, menina que gosta de histórias) - Paulo Leminski<sup>14</sup>

Na mesma Fundação Cultural de Curitiba que Rosirene Gemael publicou resultados de suas pesquisas e de seu trabalho como escritora, a jornalista Dinah Ribas Pinheiro, sua colega da turma de jornalismo de 1972, da UFPR, começava a se destacar como Assessora de Imprensa.

Tendo estagiado nos jornais Diário do Paraná, e na TV Paranaense - Canal 12, Dinah havia sido redatora do semanário Voz do Paraná antes de assumir, por 27 anos consecutivos, a Assessoria de Imprensa da Fundação Cultural de Curitiba, instituição criada em 1974, sob a coordenação de Aramis Millarch, durante a primeira administração de Jaime Lerner frente a Prefeitura Municipal.

No começo, segundo a própria jornalista, tudo era muito novo e o ritmo bastante dinâmico: “esses primeiros anos foram muito ricos, porque a gente participava do processo todo. Como a Fundação era muito pequenininha, vinha um artista de fora, por exemplo, a Banda de Pífanos, ou o Sérgio Ricardo e o jornalista fazia tudo, desde esperar no aeroporto, acompanhar nas emissoras de rádios fazer matéria, ir ao show...”<sup>15</sup>

Com o passar dos anos a Fundação Cultural foi ampliando suas áreas de atuação e se compartimentando e a Assessoria de Imprensa passou a atuar como canal de divulgação de tudo o que acontecia nos diferentes setores da instituição.

Surgiu, nesse momento, a necessidade de se criar um veículo impresso que informasse à população dos diferentes bairros da cidade todas as possibilidades de lazer e cultura disponíveis. Chamada pelo então presidente da Fundação Cultural de Curitiba, Carlos Frederico Marés de Souza, Dinah Ribas Pinheiro, em companhia de Izel Costa, responsável pelo setor gráfico da Fundação, deram início ao projeto *Jornal Mural*.

---

<sup>14</sup> Programe-se, de 23 de nov. de 1986

<sup>15</sup> Depoimento de Dinah Silveira Ribas para o livro *Jornalismo Cultural: um resgate*.

Tendo de concreto apenas as linhas gerais que o jornal deveria conter : informações de todas as áreas culturais, notícias do Governo Federal, notícias do Governo Estadual e dos Municípios e notícias da Câmara, Dinah passou a pensar em um tipo de texto que contemplasse ao mesmo tempo os leitores assíduos de jornais e aqueles que não tinham o hábito de leitura sabendo que, para isso, as matérias precisavam ser agradáveis de ler e, ao mesmo tempo, informar.

Com tudo definido, em 1983, os Jornais Murais começaram a ser distribuídos pela cidade sendo afixados nos monolitos dos pontos de ônibus para que a população pudesse ler enquanto esperava a condução. E os temas mesclavam as necessidades mais prementes da população como a localização das feiras livres e de locais de vacinação às notícias de interesse geral como as guerras do Oriente Médio e grandes eventos internacionais

Com nove anos de duração, o Jornal Mural, da Fundação Cultural de Curitiba, editado por Dinah Ribas Pinheiro, registrou manifestações culturais da cidade, divulgou o trabalho de Poty Lazzaroto, o Natal no bosque polonês e no Palácio Avenida, os aniversários da cidade, eventos como a Semana de fotografia Cidade de Curitiba, os 50 anos da Brahma em Curitiba, a inauguração do Teatro Ópera de Arame, a apresentação de Shakespeare na Pedreira Paulo Leminski e a Mostra da Gravura Cidade de Curitiba, entre muitos outros assuntos ligados à área cultural.

Em alguns momentos o Jornal Mural foi temático como o publicado em julho de 1989 que, ao divulgar a presença na cidade de uma companhia francesa de teatro, fez toda uma abordagem histórica sobre a Revolução Francesa. Outro exemplo é o Jornal Mural dedicado à mulher pelas comemorações do dia Internacional da Mulher.

As diferentes mudanças de gestões levaram ao fim a publicação mas, a permanência de Dinah no cargo de Assessora garantiu à Fundação Cultural de Curitiba a criação da Agenda, um outro veículo de divulgação para as atividades culturais promovidas pela instituição.

Em formato de folheto, a Agenda teve duração de seis anos (1994-2000) registrando a programação cultural da Fundação nos setores de artes gráficas, artes plásticas, cinema, cursos, literatura, memória, música, teatro, eventos especiais e serviços. Na página central, a seção Destaque abria espaço para um artista plástico da cidade, ou para fotos de painéis de arte existentes em Curitiba.

Dinah Ribas Pinheiro foi a primeira Assessora de Imprensa na área cultural em Curitiba, tendo ficado à frente da Assessoria de Imprensa da Fundação Cultural de Curitiba durante oito mandatos de diferentes presidentes da Fundação Cultural e de seis prefeitos .

Paralelamente às suas atividades como Assessora de Imprensa da Fundação Cultural de Curitiba, Dinah exerceu outras funções como a de jornalista da Assessoria de Imprensa da Secretaria de Educação, redatora das revistas Construção, Quem, Panorama e da coluna Arte e Cultura, do jornal Correio de

Notícias, editora do jornal Mulher, do Conselho Municipal da Condição Feminina, coordenadora de Comunicação do Festival de Cinema, Vídeo e DCine de Curitiba, Assessora de Imprensa da Escola do Teatro Bolshoi, em Joinville, entre outras.

Atualmente, é Assessora de Comunicação do Banco Regional de Desenvolvimento - BRDE.

Tendo em comum a paixão pelo trabalho, Marilú Silveira, Adélia Maria Lopes, Rosirene Gemael e Dinah Ribas Pinheiro têm seus nomes marcados, de forma definitiva, no cenário do jornalismo cultural paranaense, não apenas pelo pioneirismo de seu trabalho mas, principalmente, pela criatividade e espírito empreendedor característico de cada uma delas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CORREIO DE NOTÍCIAS. Curitiba, 1985-1994

DIÁRIO DO PARANÁ. Curitiba, 1975-1977

O ESTADO DO PARANÁ. Curitiba, 1980-2003

JORNAL MURAL. Curitiba, 1983-1992

PÓLO CULTURAL. Curitiba, 1978-1979

QUEM. Curitiba, 1980-1982

TEIXEIRA, Selma Suely (org.) Jornalismo Cultural: um resgate. Curitiba: Gramofone, 2007. 2v.